JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 21 - Outubro de 2026 - Nº 203

(21) 97246-2213 • jornalabaixoassinado@yahoo.com.br • facebook.com/jaajrj . instagram - @jaajrj

EDITORIAL



Nós votamos: Lula para presidente

O Brasil precisa ter voz própria. Em um mundo marcado por guerras, desigualdade e disputas entre grandes potências, o voto de 25 de outubro também decidirá que lugar queremos para o Brasil

O mundo está em alerta.

Guerras, fome, desigualdade, crise climática e disputas entre grandes potências desenham um cenário internacional cada vez mais instável. Enquanto milhões de pessoas precisam de alimento, moradia, trabalho e atendimento de saúde, bilhões são destinados à produção de armas e à preparação para novos conflitos.

É nesse mundo que o Brasil precisa escolher seu caminho.

E essa escolha também diz respeito a cada comunidade, cada bairro, cada trabalhador, cada família que depende de uma escola pública, de um posto de saúde, de emprego, de segurança e de políticas sociais.

O Brasil não é um país qualquer. Temos um território continental, uma das maiores populações do mundo, enorme capacidade agrícola, recursos naturais estratégicos, biodiversidade, água, energia e uma economia relevante. Temos também uma tradição diplomática que pode colocar o país em diálogo com diferentes nações.

Por isso, não podemos aceitar que o Brasil seja tratado como simples peça no tabuleiro das grandes potências.

O Brasil precisa ter voz própria. Trump não pode mandar no nosso país.

É nesse cenário que defendemos a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para um novo mandato presidencial.

Lula possui uma longa trajetória política e experiência acumulada na condução do país e nas relações internacionais. Sua atuação junto à América Latina, à África, à China, aos Estados Unidos, à Europa e a outros países coloca o Brasil em condições de participar dos grandes debates internacionais.

Não se trata de imaginar que o Brasil possa resolver sozinho os problemas do planeta. Trata-se de reconhecer que um país da nossa dimensão tem responsabilidades e interesses que precisam ser defendidos.

Nossa relação com os Estados Unidos é importante. Nossa relação com a China é importante. A relação com nossos vizinhos latino-americanos é fundamental. A aproximação com a África e com a Europa também interessa ao Brasil.

Mas relacionamento não pode significar submissão.

Nenhum governo estrangeiro deve decidir os destinos do povo brasileiro.

É por isso que olhamos com preocupação para a possibilidade de uma política externa brasileira excessivamente alinhada aos interesses do governo Trump. O Brasil precisa manter relações diplomáticas com todos, mas deve tomar suas decisões de acordo com seus próprios interesses e com a vontade soberana de seu povo.

Ao mesmo tempo, defender Lula não significa deixar de cobrar.

Um novo mandato precisa ser acompanhado de compromissos concretos com a população. O Brasil precisa avançar na saúde e na educação, fortalecer a proteção social, combater a desigualdade, enfrentar o crime organizado, criar oportunidades de trabalho e renda e responder com mais firmeza à emergência climática.

Precisamos também de um projeto de desenvolvimento que não deixe as comunidades para trás.

Porque a política nacional chega à porta de cada casa.

Chega quando falta médico no posto de saúde. Chega quando a escola precisa de investimentos. Chega quando o jovem não encontra emprego. Chega quando a família não consegue pagar suas contas. Chega quando uma comunidade sofre com a violência. Chega quando uma enchente destrói casas e famílias.

É por isso que a política não pode ser assunto apenas dos políticos.

A população precisa participar, cobrar e fiscalizar. O presidente precisa ser cobrado. Deputados e senadores precisam ser cobrados. Governadores, prefeitos e vereadores também.

A democracia não termina no dia da eleição.

Um novo compromisso com o Brasil

O próximo mandato presidencial, qualquer que seja o resultado das urnas, terá diante de si enormes desafios. Mas defendemos que Lula tenha a oportunidade de conduzir o país nesse período histórico.

E esperamos mais. Esperamos um governo que dialogue permanentemente com o povo, que fortaleça os serviços públicos, que enfrente as desigualdades e que coloque o desenvolvimento econômico a serviço da melhoria das condições de vida da maioria da população. Esperamos também que o Congresso Nacional seja pressionado pela sociedade a assumir suas responsabilidades.

O Brasil não precisa de salvadores. Precisa de democracia, soberania, participação popular e um projeto nacional capaz de enfrentar seus problemas.

Por essas razões, este jornal comunitário declara seu apoio à candidatura de Lula.

Não como um cheque em branco, mas como uma escolha política acompanhada de cobrança e esperança.

No dia 4 de outubro, cada brasileiro terá a oportunidade de decidir que país deseja construir.

Um Brasil subordinado aos interesses de outros países?

Ou um Brasil capaz de dialogar com todos, defender sua soberania e construir seu próprio caminho?

Nós escolhemos um Brasil com voz própria.

Nós escolhemos Lula.

E, depois da eleição, continuaremos fazendo aquilo que cabe a um jornal comunitário: ouvir a população, denunciar os problemas, cobrar os governantes e defender os interesses de nossa comunidade.

Porque o Brasil não termina em Brasília.

O Brasil começa onde o povo vive.

Mais sobre Lula e as eleições nas páginas 2 e 4

Taquara vive anos difíceis: a violência sufoca o bairro *Página 3*



Vila Autódromo: dez anos de resistência e luta por memória *Página 5*

Lixo e reciclagem em debate: os desafios de Jacarepaguá *Página 6*

Thallyta Braz: do Itanhangá para o mundo *Página 7*



Memórias de Jacarepaguá: a história da nossa região *Página 8*



Bianca Lopes
Jornalista e colaboradora voluntária do JAAJ

Eleitores querem representantes atentos à vontade popular

Saúde, educação, agricultura, impostos sobre grandes fortunas são temas levantados por eleitores que esperam o melhor dos candidatos que estão escolhendo nessas eleições. O principal ponto que os une, entretanto, é a valorização do voto, a valorização da democracia que nenhum deles quer perder.

Espirita Kardecista, Ise Torres, 65 anos, lutou pela criação do SUS



"As eleições englobam compromisso moral com a cidadania de um povo. É na liberdade de escolher os governantes que nos colocamos no papel de acompanhar e exercer controle social sobre os mandatos. Eu voto por compromisso político e social. Votar é um dos princípios da cidadania plena. Direito conquistado com luta árdua pelas mulheres.

Eu sou profissional de Serviço Social desprovida de recursos financeiros. Sou filha de um motorista e uma cozinheira. A má distribuição de renda dificulta o acesso igualitário à educação, moradia e ao transporte. Por isso escolho candidatos com trajetória de luta e compromissos com a formulação e execução de políticas públicas que contemplem pessoas em situação de vulnerabilidade.

Eu sempre acompanho os mandatos dos meus candidatos. Participei de conselhos distritais para a criação do SUS. Fui a Brasília em plenárias para aprovação do maior Sistema Único de Saúde do mundo e atuo no controle social na área de saúde.

Eu defendo taxação de impostos diferenciados para grandes fortunas, acesso universal a bens e serviços de saúde, programa de acessibilidade a idosos e deficientes, acesso igualitário à moradia, educação, alimentação."

Precisamos defender o respeito à diversidade religiosa e cultural e às diferenças de gêneros. Não podemos aceitar regimes políticos totalitários.

Caio Furtado, 25 anos, agricultor e feirante em Teresópolis, deseja o avanço da agricultura



"Eu desconheço a função de deputados e senadores, nunca pesquisei a respeito. Eu espero que os eleitos não fiquem nas promessas, mas tenham atitudes, cumpram o prometido.

Eu não voto por obrigação, voto nas melhores propostas para a agricultura. Escolho os candidatos com as melhores propostas para educação, saúde e os que dão oportunidades de trabalho.

Eu acompanho os mandatos dos meus candidatos pela internet, televisão, pronunciamentos e entrevistas, porém eles só cumpriram 30% do que prometeram.

Se eu fosse deputado faria alguma coisa pela população, me colocaria no lugar do povo, daria o melhor de mim, ampararia os agricultores em períodos de grandes chuvas ou secas evitando os prejuízos. Para melhorar os resultados da agricultura precisamos de estrutura, suporte para produzir mais.

EXPEDIENTE

JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

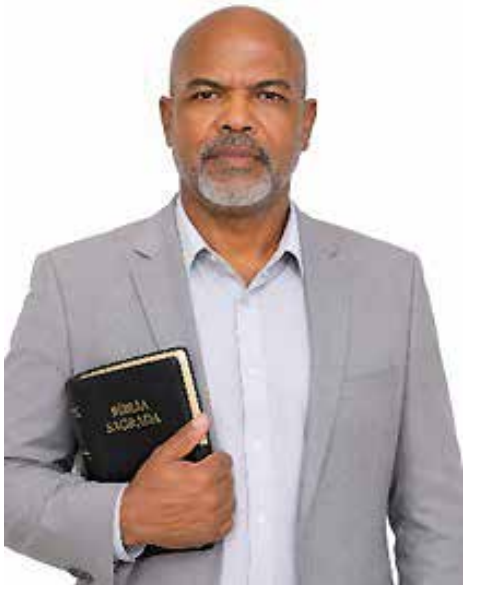
Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping
CNPJ 31.555.759/0001-64.
Críticas, sugestões e reclamações:
jornalabaixoassinado@yahoo.com.br Tel (21) 97246-2213

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.
**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.

Conselho Editorial: Almir Paulo, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Dona Jane, Dona Penha, Douglas Aguiar (Em Memória), Humberto Peixoto, Ivan Lima, Jane Nascimento, João Magalhães, Luiz Claudio, Manoel Meirelles (Em Memória), Maraci Soares, Marcus Aguiar, Pablo das Oliveiras, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberta Azevedo, Roberto Senna (Cabral) (Em Memória), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo, Vanessa Guida e Wladimir Loureiro.
Coordenação Geral: Almir Paulo, Maraci Soares, Silvia Costa e Val Costa.
Diagramação e **Arte:** Jane Fonseca.
Gestora de Redes Sociais: Silvia da Costa.
Revisão: Vânia Santiago.

O pastor da Igreja Batista de Santo Aleixo, em Magé, Sérgio Passareli, 62 anos, prioriza o município



"As eleições significam a participação do cidadão na democracia do nosso País, o direito de escolher nossos governantes. Eu tenho prazer em votar. Não voto porque é obrigatório.

Ao escolher meus candidatos, eu sempre priorizo o Estado e o Município em que moro. Infelizmente não tenho tempo para acompanhar o mandato dos meus candidatos, depois de eleitos, devido ao trabalho diário.

Conheço as funções de deputados e senadores, eles criam leis e emendas parlamentares para investigar os gastos do dinheiro público. Eu espero dos candidatos eleitos com meus votos que criem projetos de leis e emendas parlamentares para obras no meu município.

O porteiro Carlos Santos, 74 anos, tem um olho no padre, outro na missa



O voto é o instrumento para mudar ou continuar um mandato. Eu voto pensando sempre na melhoria do nosso País, consultando as plataformas dos candidatos para verificar o que eles vão fazer, mas sei que essas plataformas podem não ser confiáveis.

Eu acompanho os candidatos eleitos para verificar se eles estão fazendo o que prometeram em suas plataformas, pelas mídias. A função de deputados e senadores é criar leis, discutir e fiscalizar o Poder Executivo. Se eu fosse eleito deputado representaria a população criando e votando leis. Dos deputados eleitos só espero que cumpram suas plataformas.

Juliana Freitas, 20 anos, estudante, moradora de Duque de Caxias, quer oportunidades para os jovens



As eleições são um momento importante de participação da população nas decisões do País. É uma oportunidade de escolher pessoas que representarão nossos interesses e contribuirão para o funcionamento da sociedade.

Eu não voto por obrigação, vejo o voto como um direito e uma forma de participar da sociedade, escolhendo quem considero mais preparado para representar a população. Escolho os candidatos por suas propostas, analisando se são realistas e se estão de acordo com aquilo que considero importante para a sociedade. Procuro acompanhar os mandatos dos meus candidatos principalmente pelas redes sociais.

Deputados e senadores participam da elaboração e votação de leis e fiscalizam as ações do Poder Executivo, além de outras competências previstas na Constituição.

Eu espero que os candidatos que receberam os meus votos cumpram suas propostas, atuem com responsabilidade e transparência, representem os interesses da população e tenham compromisso com áreas importantes, como educação, saúde, segurança e qualidade de vida.

Se eu fosse eleita deputada procuraria desenvolver projetos voltados para educação, saúde e oportunidade para jovens. Também buscaria ouvir as necessidades da população, fiscalizar a aplicação de recursos públicos e propor medidas que realmente contribuíssem para melhorar a qualidade de vida das pessoas.



Magnun Alves
@mpa.escritor

Jacarepaguá:
entre a memória e a incerteza

Um dos lugares mais sossegados durante anos, tendo sua história como parte da origem do Rio de Janeiro que conhecemos hoje.

O bairro da Taquara, em Jacarepaguá, tem atravessado anos muito difíceis. Foram diversas mudanças no âmbito geográfico, mas, com certeza, a violência tem ganhado destaque e protagonizado capítulos nunca imaginados. Os territórios não são apenas espaços de disputa entre grupos rivais; esses conflitos tomaram as proporções de uma verdadeira guerra urbana. Armas pequenas e antigas deram lugar a pistolas com kit rajada, fuzis de grosso calibre, drones com dispositivos de lançamento de explosivos e barricadas de diversas estruturas.

A impressão que se tinha era a de uma escalada da violência que se reafirma a cada novo episódio das batalhas sangrentas desse lugar que um dia ficou conhecido como Sertão Carioca, por conta de sua distância do centro da cidade e de sua grande área de vegetação. O maior parque urbano da América Latina, uma mata densa que abriga 19 comunidades, e um número muito expressivo de comunidades que tiveram os caminhos do Peabiru e, posteriormente, dos quilombolas como parte de sua história, marcando a resistência dos quilombos, tornaram-se corredores do crime.

Mesmo vivendo com a violência às portas, a população segue tentando manter uma mínima normalidade. Chegar e sair de algumas comunidades é uma atividade acompanhada de diversas medidas de segurança, com grupos de moradores que trocam informações sobre operações e eventualidades imprevisíveis.

Mas a violência não está restrita somente ao interior das comunidades. O número de assaltos e furtos cresceu vertiginosamente. A implantação de diversos pontos de venda de drogas contribuiu para esse aumento da violência, disparando outro alerta: o número de moradores em situação de rua vem aumentando por todo o território de Jacarepaguá, com vários índices negativos subindo. O que caiu foi o valor dos imóveis.

Enquanto um grupo de pacientes aguardava a consulta, a conversa girava em torno da violência dos dias anteriores: milicianos assassinados à luz do dia, tiroteios que deixaram um morto na comunidade do Asa Branca e outro conflito na Colônia, em que um projétil teria baleado um passageiro da linha BRT Transcarioca.

Uma senhorinha que estava em pé, participando da conversa, diz:

— Gente, hoje já teve tiro aqui na Estrada do Boiúna!

Um jovem que estava com o caderno nas mãos pergunta:

— Que horas foi isso?

— Agora, ali próximo ao CIEP Compositor Donga.

— Meu Deus! Eu vi mesmo um povo recuado e passei com o fone no ouvido e pedalando. Nem imaginei que fosse isso.

— Vivemos em uma constante incerteza em Jacarepaguá — disse a senhorinha.



Por dentro dos rodopios do saci

Os vínculos que unem a humanidade à natureza nascem do afeto, da escuta e da capacidade de brincar juntos.



Silvia da Costa
Agente de Transformação Social

Na Colônia Juliano Moreira, um projeto vem mostrando que a conexão entre pessoas, território e natureza pode ser um poderoso instrumento de inclusão, pertencimento e promoção da saúde mental. Criada por Marcelle Souza e Arthur Torres, a Sociedade Agroecológica de Cultura e Inclusão (SACI) surgiu para valorizar os saberes populares, a cultura local e as riquezas ambientais da região, muitas vezes invisibilizadas pelos estigmas que marcam o território.

Dessa proposta nasceu o Projeto Takûara, construído a partir da escuta dos moradores, dos mestres populares e dos próprios espaços da Colônia. Em vez de levar soluções prontas, a iniciativa busca aprender com o território e transformar seus ensinamentos em experiências culturais e educativas. Foi dessa observação que surgiu a escolha dos quatro elementos da natureza como eixo das atividades.

"Pensamos: por que não trabalhar com a pedagogia dos elementos?", explica Arthur Torres. Água, terra, fogo e ar serviram como guias para vivências que relacionam cultura, memória, espiritualidade, agroecologia e brincadeira. A água remete aos rios e à origem da vida. A terra está presente nos quintais produtivos e nos conhecimentos ligados ao cultivo. O fogo simboliza a transmissão



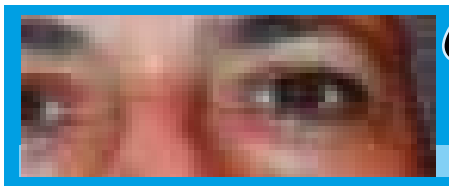
dos saberes e das tradições. Já o ar se manifesta nas histórias, músicas e encontros que fazem circular a palavra e os afetos.

A relação com a saúde mental também é um dos pilares do projeto. Muitas atividades aconteceram em parceria com a Rede de Atenção Psicossocial, dialogando diretamente com a história da Colônia Juliano Moreira, marcada por um século pela internação psiquiátrica. Hoje, os mesmos espaços passam a acolher ações que promovem convivência, criatividade e participação cultural, contribuindo para a construção de novos significados para o território.

Os mestres populares ocupam papel fundamental nesse processo. São moradores que preservam conhecimentos sobre cultivo, sustentabilidade, memória e modos de vida locais. Como destaca Marcelle Souza, "o conhecimento surge a partir do território, das camadas populares. Todo o território falou com a gente e a gente estava apto a escutar.", reforçando a importância de reconhecer e compartilhar saberes produzidos pela própria comunidade.



O ciclo do Projeto Takûara será celebrado na Festa do Saci, no dia 31 de outubro, reunindo artistas, artesãos, educadores e moradores em uma grande celebração dos saberes populares. A programação inclui apresentações culturais, atividades comunitárias e o resgate de brincadeiras infantis que estimulam a imaginação e fortalecem a relação das crianças com a natureza. Mais do que encerrar uma etapa, a festa celebra a continuidade de um movimento que transforma memória, cultura e afeto em ferramentas para aproximar humanidade e natureza.



Observatório Popular

Juçara Braga - Jornalista

Dia 25 a escolha é entre democracia e fascismo



Há poucos dias do segundo turno das eleições é importante entender que não se trata, nesse momento histórico, de uma disputa entre direita e esquerda. Trata-se de uma disputa entre democracia e fascismo.

De um lado, temos o presidente Lula que já demonstrou em três mandatos sua capacidade de governar de forma inclusiva para toda a população brasileira com atenção especial aos mais pobres e às minorias.

De outro lado temos uma criatura que, em contínuos mandatos parlamentares, não tem um projeto pra chamar de seu em defesa dessa mesma população a qual, agora, ele pede voto.

A plataforma desse candidato é conhecida, igual a do pai. Defensor do armamento de civis, da retirada (chamam de flexibilização) de direitos trabalhistas, da vassalagem desavergonhada ao governo fascista de Donald Trump nos EUA – ele prometeu, caso eleito, incluir gente indicada por Trump na sua equipe de transição de governo.

Uau! E nem falamos do seu histórico de rachadinhas (prática de contratar funcionários para atender seus mandatos, pagar com dinheiro público e pegar parte da grana de volta), da dinheirama que pediu ao banqueiro trambiqueiro que está preso, da compra da mansão de R$ 6 milhões em Brasília sem comprovação de renda para tal. E ainda tem uma história esquisita envolvendo uma loja de chocolate. Ih! a lista é grande.

É isso! Dia 25 vamos escolher entre o fortalecimento de nossa democracia e a barbárie, a treva. Temos, com Lula, a certeza de continuarmos avançando na construção de um Brasil melhor. Com o outro candidato, a certeza da ruína.

Vergonhosa a decisão do TSE sobre a eleição no Estado do Rio

A decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em relação às eleições no Estado do Rio me lembrou o saudoso antropólogo Darcy Ribeiro que dizia ter sido derrotado em todas as batalhas que travou, mas, que não gostaria, de forma alguma, de estar ao lado dos vencedores.

É uma vergonha o resultado do julgamento a respeito dos votos dessa fraude ambulante chamada Anthony Garotinho.

Pra começar, a Justiça Eleitoral jamais deveria ter permitido que esse cidadão participasse das eleições, uma vez que, por decisão dessa mesma Justiça, ele está inelegível até 2030.

Durante toda a campanha esse tema foi amplamente abordado na imprensa. Mesmo assim, a Justiça Eleitoral não se manifestou. E, agora, se manifesta para tripudiar os votos dos cidadãos do Estado do Rio de Janeiro.

Não vamos para o segundo turno por escolha do Tribunal Regional Eleitoral (RJ) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e não por escolha de nós, eleitores. VERGONHA!

Os votos favoráveis a essa VERGONHA são dos ministros André Mendonça, Dias Toffoli, Kassio Nunes Marques, Estela Aranha e Floriano de Azevedo Marques Neto.

Derrotados nesse julgamento tardio, e por isso absurdo, os ministros Ricardo Villas Bôas Cueva e Sebastião Reis Júnior votaram pelo respeito aos votos dos eleitores fluminenses que levariam Eduardo Paes e Douglas Ruas a um segundo turno.

Sem medo de ser feliz: voto Lula



O mundo atravessa um dos períodos mais perigosos das últimas décadas. Guerras, fome, desigualdade, emergência climática, disputa tecnológica e corrida armamentista colocam a humanidade diante de desafios que não podem ser tratados com improvisação, submissão ou mediocridade política. Enquanto milhões de pessoas ainda lutam contra a fome e a pobreza, os países ampliam seus gastos militares e fortalecem alianças para a guerra.

É nesse mundo que o Brasil terá de escolher seu caminho. Em um cenário internacional marcado pela disputa entre grandes potências, o Brasil não pode ser transformado em instrumento dos interesses de nenhum governo estrangeiro.

O Brasil precisa ter voz própria.

É nesse ponto que a eleição presidencial assume uma dimensão que ultrapassa a disputa entre candidatos. Está em debate o lugar que o Brasil pretende ocupar no mundo e a capacidade de defender seus próprios interesses em uma conjuntura internacional cada vez mais turbulenta.

Uma eventual vitória de um candidato identificado com o bolsonarismo, em nossa avaliação, poderia aproximar o Brasil de uma política externa mais subordinada aos interesses do governo Trump. Não queremos que decisões fundamentais sobre o futuro brasileiro sejam determinadas fora do país.

Trump não pode governar o Brasil por procuração.

Voto em Lula. Mas defender Lula não significa dar-lhe um cheque em branco.

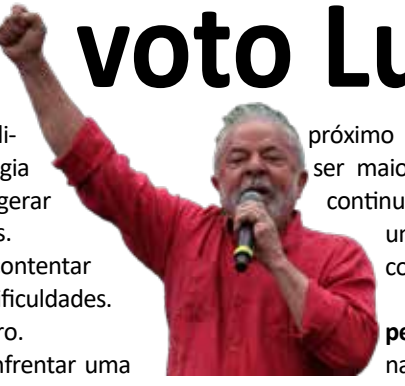
Um novo mandato precisa representar também um compromisso com mudanças concretas dentro do Brasil. O país precisa avançar na proteção social, ampliar os investimentos em saúde e educação, enfrentar com mais eficácia o crime organizado, combater as desigualdades, fortalecer a capacidade do Estado, enfrentar a emergência climática e construir uma estratégia de desenvolvimento capaz de gerar trabalho, renda e oportunidades.

O Brasil não pode se contentar apenas em administrar suas dificuldades. Precisa voltar a discutir seu futuro.

E isso exige também enfrentar uma realidade: o presidente da República não governa sozinho. O Congresso Nacional terá papel decisivo. A sociedade brasileira precisará acompanhar, pressionar, fiscalizar e participar. A democracia não pode ser reduzida ao voto de quatro em quatro anos.

De um lado, temos um mundo cada vez mais dividido, armado e instável. Do outro, a necessidade de reconstruir pontes, defender a paz, preservar a soberania e enfrentar a desigualdade.

Nesse momento, entendemos que **Lula representa a experiência e a capacidade de diálogo necessárias para que o Brasil exerça seu papel internacional** sem abrir mão de seus próprios interesses. Mas o próximo mandato precisará ser maior do que a simples continuidade. Precisará ser um novo compromisso com o povo brasileiro.



Lula pode mais pelo Brasil. Pode mais na saúde. Pode mais na educação. Pode mais na proteção social. Pode mais no combate às desigualdades. Pode mais na defesa do meio ambiente. Pode mais na segurança pública. Pode mais na construção de um projeto nacional de desenvolvimento. E, sobretudo, pode mais na defesa da soberania brasileira.

No dia 25 de outubro, quando as urnas falarem, estará em jogo muito mais do que a escolha de um presidente. Estará em jogo a possibilidade de o Brasil reafirmar que possui voz própria, que não aceita tutelas e que pretende participar da construção de um mundo de paz, cooperação e justiça social.

É por esse Brasil que defendemos a eleição de Lula.

Os 10 anos das remoções da Vila Autódromo e a lição de resistência, luta por direitos e democracia



Felipe Lucena
Jornalista e roteirista

Neste ano de 2026 completa-se uma década da conclusão das remoções da Vila Autódromo. Paralelo a isso, nesse período histórico, o Brasil vem passando por um turbulento momento político. Na esquina dos dias, as histórias se cruzam.

Coluna 1 - 2016 e o começo do fim

Em 2016, a cidade do Rio de Janeiro sediou os Jogos Olímpicos e este foi o motivo pelo qual justificaram a remoção de cerca de 77.206 pessoas, entre 2009 e 2015, conforme dados apresentados pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em julho de 2015. Até a realização dos Jogos Olímpicos, esse número aumentou. Projetos de reformas urbanas e construções espetaculares assolaram o Rio e justificaram a remoção de todas essas pessoas. Na Vila Autódromo, centenas de famílias foram removidas em um período de dois anos e meio. Apenas vinte famílias conseguiram permanecer no território. Em agosto do mesmo ano, a presidente **Dilma Rousseff** sofreu um impeachment articulado numa trama golpista.

Coluna 2 - Nasce o Museu das Remoções

Nessa época, em 2016, nasceu dos escombros o Museu das Remoções. Os principais ideais da iniciativa são: "*preservar a memória destas pessoas removidas, assim como suas histórias; e servir como instrumento de luta, não apenas por nós, mas por todos que passem pela ameaça de remoção, compreendendo que a memória é o maior instrumento nesta luta de resistência. Na preservação desta memória, permanece a consciência de nossa história e também dos nossos direitos*".

Coluna 3 - As memórias de dor

"A memória que eu tenho principalmente é de ter conquistado uma casa no espaço que a gente sonhava e depois de muito trabalho, muito suor, depois de abdicar de tantas coisas para a construção da minha casa, que tinha três andares, a casa estava confortável, a gente estava curtindo aquele espaço que nós, com muito sacrifício, conquistamos, então a primeira imagem que vem é do desrespeito da minha casa sendo demolida por uma liminar de um juiz. Uma liminar que foi assinada às escuras e foi cumprida às 6 e pouca da manhã, com a Defensoria Pública fechada. Assim, eu vejo como o sistema funciona. Quando ele se articula para conquistar seus objetivos mais sórdidos", disse Luiz Cluadio Silva, morador da Vila Autódromo.

Coluna 4 - As "facadas"

"Tudo muito triste. Foi uma facada, sabe? Cada situação que aconteceu com as famílias aqui, que a gente pensava que estavam conosco, mas negociaram sem nos falar e foram embora sem se despedir. Uma pancada, foi duro, foi duro", a "facada" citada nessa fala de Luiz é no sentido figurado. No entanto, uma facada literal aconteceu no Brasil em 2018 e um mês depois Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente da república instaurando um governo que levou o país de volta ao mapa da fome, ao aumento das desigualdades, a mais de 700 mil mortes na pandemia de covid-19.

Coluna 5 - A resistência

Embora lembre mais das frases citadas acima, Luiz frisa que também tem outras memórias: "*a gente teve muita resistência, muitas estratégias de guerrilha usadas para ficarmos aqui*". Em 2022, o Brasil elegeu Lula presidente, vencendo Bolsonaro no segundo turno.

Coluna 6 - Os escombros

Enquanto os moradores resistentes da Vila Autódromo viviam em contêineres entre escombros, estava em curso no Brasil a Operação Lava Jato. Como disse Romero Jucá "com o Supremo, com tudo", decisões parciais, sem respeitar a Lei levaram o país a uma grave crise econômica e social. Incluindo a prisão do presidente Lula.

Coluna 7 - As novas casas

Neste intervalo de tempo, a resistência se materializou e a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, comandada por Eduardo Paes, entregou o que era de direito das 20 famílias que resistiram: as novas casas. Nada foi dado. Somente devolvido. Neste ano de 2026, Paes disputou a eleição para governador do Rio e foi derrotado.

Coluna 8 - O lazer

Com atraso, o Poder Público devolveu a área de lazer da Vila Autódromo. A quadra esportiva e um espaço para atividades físicas foi entregue em 2023. O primeiro ano depois da eleição de 2022, vencida por Lula contra Bolsonaro.

Coluna 9 - Festa e esperança

Neste ano de 2026, um evento foi realizado na Vila Autódromo para celebrar a resistência, o Museu das Remoções, a luta e a vida de quem permaneceu no lugar que se tornou histórico para a luta por moradia em todo o mundo, que aliás passou a ser um dos debates do momento com a crise dos aluguéis na Europa. A festa realizada na Vila foi cheia de merecidos sorrisos de pessoas que já choraram demais. Neste outubro do mesmo ano de 2026, temos um desafio eleitoral no segundo turno para seguirmos, na medida do possível, na tática de guerrilha, na luta, resistindo diante do mal maior. Que seja um resultado que nos faça sorrir depois das lágrimas da desesperança e do medo.

Coluna 10 - E a próxima década?

Olhando para o futuro e pensando nos próximos 10 anos, Luiz projeta: "*O que eu espero é que o poder capitalista nos esqueça. E que essas 20 famílias que ficaram, resistiram, a custo de muita coisa, possam viver em paz e com os direitos garantidos, o direito à cidade, o título de posse e tudo mais que nos é de direito do povo*".

Lançamento de livro de poesias na Casa de Cultura de Jacarepaguá

A Casa de Cultura de Jacarepaguá e a RPC Editora convidam para o lançamento do livro **"A vida é dinâmica, complexa, curta, rara, perigosa e bela"**, do poeta Almir Paulo, coordenador do Jornal Abaixo-Assinado.

No dia 7 de novembro, o público terá a oportunidade de conhecer uma obra que traduz o olhar sensível e crítico do poeta sobre a vida, suas contradições e seus desafios. Entre quedas e recomeços, perdas e descobertas, os poemas refletem sobre a realidade brasileira e os dilemas da humanidade.

Comprometida com os oprimidos, a obra é movida pela esperança, pela solidariedade e pela luta por uma sociedade mais justa e humana.

A programação contará com roda de conversa, sessão de autógrafos, sarau com poetas da região e apresentações musicais dos cantores Natália Mota e Pádua. Uma tarde de poesia, música, reflexão e encontro com a cultura!

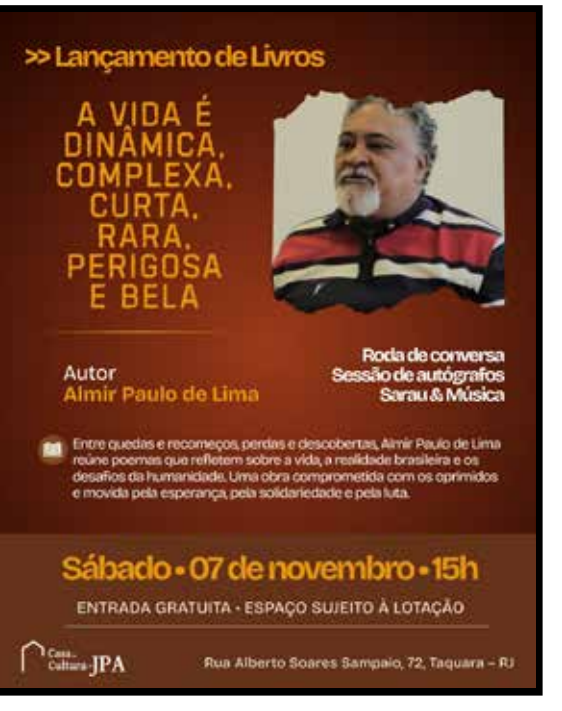
Venha prestigiar a literatura, conhecer a obra e compartilhar esse momento especial com o poeta e a comunidade!

Sábado, 7 de novembro de 2026
Às 15h
Casa de Cultura de Jacarepaguá

Rua Alberto Soares Sampaio, 72 – Taquara, Rio de Janeiro.

Entrada gratuita!

A poesia nos aproxima da vida, da realidade e da esperança de transformação. Participe!



Isso aqui é lixo?

Uma reflexão sobre o lixo urbano, a inclusão social e a geração de trabalho e renda

***Por Edison Veoca**





Há cenas do cotidiano que nos transformam. Às vezes, um instante basta para mudar a maneira como enxergamos o mundo.

Na tarde de 8 de dezembro de 2025, eu estava na Avenida Nelson Cardoso, na Taquara, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, aguardando um motorista de aplicativo. O calor era intenso, as ruas estavam movimentadas e a cidade seguia seu ritmo habitual.

A poucos metros de mim, um homem vasculhava uma pequena cesta de lixo de cor laranja, daquelas instaladas nos postes pela COMLURB. Procurava algo que pudesse ser aproveitado e convertido em alguns trocados. Garimpava recicláveis em meio aos resíduos descartados pela população.

De repente, retirou bruscamente o braço da cesta. Um caco de vidro havia cortado sua mão. “Machucou muito, irmão?”, perguntei. “Não, não... já estou acostumado”, respondeu.

Ele tirou do bolso um pequeno pedaço de pano, limpou rapidamente o ferimento e voltou ao trabalho. Pouco depois, o motorista chegou. Fui embora, mas aquela cena permaneceu comigo durante todo o trajeto.

Uma pergunta começou a me inquietar: **e se aquele material reciclável tivesse sido descartado de maneira adequada, separado do lixo comum e colocado em um recipiente acessível e seguro?** Aquele homem precisaria colocar a própria saúde em risco para encontrar algo que lhe garantisse algum dinheiro?

Foi naquele momento que comecei a olhar para o lixo de outra maneira.

Durante muito tempo, defendi que as pessoas deveriam jogar o lixo no lugar certo, ou seja, na lixeira. Mas será que colocar tudo dentro de uma mesma cesta é sempre a melhor solução? E se, ao lado do lixo comum, houvesse um espaço próprio para os materiais recicláveis, facilitando o trabalho de quem vive da coleta e de quem o descarta, contribuindo para uma cidade mais limpa?

A questão não é simplesmente onde jogar o lixo. É compreender que **a forma como descartamos nossos resíduos pode gerar problemas ou, de outra forma, criar oportunidades para outras pessoas**.

Uma lata de alumínio, uma garrafa PET ou uma embalagem de vidro descartadas nas ruas podem representar mais do que resíduos. Quando recolhidos, separados e encaminhados corretamente, esses materiais podem retornar à cadeia produtiva, movimentar a economia da reciclagem e gerar trabalho e renda para catadores, cooperativas e outros profissionais.

O que para uma pessoa perdeu a utilidade pode representar o sustento de outra.

Isso não significa que o lixo deva ser descartado de qualquer maneira, sob a justificativa de que alguém poderá aproveitá-lo. Pelo contrário: significa reconhecer a importância do descarte responsável, da coleta seletiva e de estruturas que tornem o reaproveitamento mais seguro, organizado e acessível.

A mesma lata ou garrafa abandonada em uma trilha, em uma cachoeira ou em uma área natural distante dos pontos de coleta dificilmente terá o mesmo potencial de aproveitamento imediato. Ali, pode permanecer por muito tempo, poluir o ambiente e colocar em risco a fauna, a flora e as pessoas. O material que poderia ter valor econômico, gerar renda e emprego, torna-se um problema ambiental.



O valor de um resíduo também depende do destino que lhe damos.

Aquela experiência mudou definitivamente meus hábitos. Passei a evitar colocar materiais recicláveis nas cestas destinadas ao lixo comum, procurando dar a eles um destino mais adequado. Percebi, porém, que a mudança individual, embora importante, não é suficiente.

Precisamos pensar coletivamente.

Como organizar o descarte de resíduos nos espaços urbanos para facilitar a reciclagem? Como tornar o trabalho dos catadores mais seguro, digno e reconhecido? Como aproximar moradores, poder público, cooperativas, empresas e organizações sociais em torno de soluções que beneficiem toda a comunidade?

E, sobretudo, como transformar o que hoje é um problema urbano em uma oportunidade de inclusão social, geração de renda e desenvolvimento sustentável?

Foi a partir dessas inquietações que nasceu a ideia de desenvolver um projeto — possivelmente um documentário — sobre o lixo urbano, tendo inicialmente Jacarepaguá como território de reflexão e ação.

ISSO AQUI É LIXO?

A pergunta é simples, mas provoca uma reflexão necessária. Aquilo que descartamos é realmente inútil? Para quem? Em quais condições? E o que poderia acontecer se mudássemos a maneira de lidar com esses materiais?

Mais do que discutir a limpeza das ruas ou a separação dos resíduos, queremos explorar a dimensão social do lixo. Queremos mostrar que uma política de descarte adequada pode contribuir para a preservação ambiental, estimular a economia circular, fortalecer cooperativas, ampliar oportunidades de trabalho e renda e, consequentemente, melhorar as condições de vida de quem encontra na reciclagem uma forma de sustento.

A proposta é pensar em um projeto que não deixe ninguém para trás. Uma iniciativa que considere os moradores, os trabalhadores da limpeza urbana, os catadores, o comércio, as empresas, o poder público e o meio ambiente como partes de uma mesma realidade.

Afinal, uma cidade mais limpa não se constrói apenas retirando o lixo das ruas. Constrói-se também criando condições para que os resíduos sejam (re)aproveitados, para que o trabalho de quem os recolhe seja valorizado e para que os benefícios dessa transformação alcancem a sociedade como um todo.

A vida é dinâmica e nos convida, a todo momento, a rever nossas certezas e transformar nossas percepções em atitudes.

Foi assim comigo, naquela tarde de dezembro. Uma cena aparentemente corriqueira revelou uma questão muito maior: o lixo também é uma questão de cidadania, dignidade e oportunidade.

Agora, queremos transformar essa reflexão em ação.

ISSO AQUI É LIXO? Mais do que uma pergunta, queremos que seja um convite à participação, à mudança de hábitos e à construção de soluções coletivas.

Porque aquilo que descartamos pode ter um novo destino. E esse novo destino pode significar não apenas menos lixo nas ruas, mas também mais trabalho, mais renda, mais inclusão e mais qualidade de vida para todos.

Em breve, esperamos colocar esse projeto à disposição de todas e todos.

A transformação começa quando mudamos a maneira de olhar. E pode avançar quando aprendemos a agir juntos.

***Poeta, escritor e morador da Taquara.**



Cíntia Travassos
Produtora

Thallyta Braz:
da comunidade do Itanhangá aos palcos internacionais

Cantora e professora de canto, artista carioca transforma desafios sociais em inspiração para a música e conquista espaço no cenário artístico.

Nascida e criada no Rio de Janeiro, a cantora e professora de canto Thallyta Braz vem construindo uma trajetória marcada pela dedicação à música, pela fé e pela superação das desigualdades sociais. Moradora de uma comunidade no Itanhangá, ela cresceu convivendo de perto com os contrastes socioeconômicos da cidade. Durante parte da infância, viveu na portaria de um prédio na Barra da Tijuca, onde seu pai trabalhou por quase 30 anos. Foi nesse cenário de realidades tão diferentes que começou a construir o caminho que hoje a leva a importantes palcos.

A música entrou em sua vida por meio da Primeira Igreja Batista da Barra da Tijuca, onde teve as primeiras experiências com canto coral, divisão vocal, balé, teatro, violino e teoria musical. Mais do que uma atividade, a arte tornou-se uma vocação e passou a orientar suas escolhas pessoais e profissionais.

Atualmente, Thallyta já concluiu o curso técnico de canto lírico na Escola de Música Villa-Lobos (EMVL) e cursa o quarto período do bacharelado em Canto na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Uma formação construída com esforço, persistência e o apoio de pessoas que acreditaram em seu talento desde cedo.

Uma trajetória de dedicação e oportunidades

Aos 13 anos, Thallyta enfrentou um dos primeiros grandes desafios para seguir seu sonho. Na época, o salário mínimo era de R$ 600, e a mensalidade das aulas de canto custava R$ 300. Para viabilizar os estudos, sua mãe contou com uma bolsa de estudos, fundamental para que a jovem pudesse continuar se aperfeiçoando.



Thallyta Braz em um concerto na Itália no palco da Sapienza Universitá Di Roma

Outro nome importante nessa caminhada foi o da fonoaudióloga e professora Emília Cassiano, que reconheceu seu potencial e a preparou para atuar como professora de canto a partir dos 18 anos. Hoje, Thallyta trabalha em escolas de música e projetos sociais no Rio de Janeiro, compartilhando conhecimentos e contribuindo para que outras pessoas também encontrem na música uma oportunidade de expressão e desenvolvimento.

Da comunidade ao Vaticano

Com versatilidade, Thallyta atua como cantora *crossover*, transitando entre a música popular e o repertório lírico. Sua rotina é dividida entre aulas, apresentações em casamentos e concertos, atividades que ampliam sua experiência e fortalecem sua carreira.

Um dos momentos mais marcantes de sua trajetória recente aconteceu em abril deste ano, quando viajou à Itália com a Orquestra Juvenil Chiquinha Gonzaga, formada exclusivamente por meninas da rede pública de ensino. A viagem incluiu uma apresentação em uma audiência com o Papa, no Vaticano, levando a música brasileira a um dos espaços de maior projeção internacional.

A artista também acumula experiências com a OSJC e a Favela Orquestra, projetos que integram sua caminhada musical e reforçam sua ligação com iniciativas de formação e inclusão por meio da arte.

Novos sonhos, novos caminhos

Para o futuro, Thallyta Braz pretende ampliar sua formação por meio de intercâmbios internacionais e concluir seu primeiro trabalho autoral. Seus planos revelam uma artista que segue investindo no próprio crescimento sem perder de vista suas origens e a importância das oportunidades que recebeu ao longo do caminho.



A talentosa Thallyta Braz em uma foto descontraida na sala de música

Sua história mostra como a educação, a cultura, a fé e o acesso à formação artística podem abrir caminhos, mesmo diante das barreiras sociais. Da comunidade do Itanhangá aos palcos internacionais, Thallyta segue construindo sua trajetória com talento, perseverança e o desejo de fazer da música uma ponte entre pessoas, sonhos e realidades.

Acompanhe o trabalho da artista no Instagram: @Thallyta Braz_



RPC Editora

Nós Realizamos Sonhos
A RPC Editora voltou

RPC é uma editora construída para publicação do Jornal Abaixo-Assinado e de livros com preços especiais e, até mesmo, com pequena tiragem.

Nossa proposta é oferecer um serviço bom, bonito e barato, para que você possa publicar o seu livro.

A RPC oferece ainda serviços como revisão ortográfica, diagramação, prepara os materiais de capa e miolo sempre em linha com os desejos e objetivos do autor e sua obra. Registramos o ISBN, Código de Barra e Ficha Catalográfica.

Podemos fazer livros em qualquer formato, acabamento ou tipo de papel. Seu livro é publicado em tempo recorde: 80 dias.

Uma oportunidade única para autores que possuem recursos limitados, mas sonham publicar um livro com alta qualidade.

Nós Transformamos Sonho em Livro

Todos os livros publicados pela RPC Editora são divulgados e seus autores entrevistados no Jornal Abaixo-Assinado e tem ampla divulgação em todas as mídias sociais da RPC – Rede Popular de Comunicação.

Solicite um orçamento

Contato:

whatsApp (21) 97246-2213

E-mail:

jornalabaixoassinado@yahoo.com.br



Yakaré Upá Guá

Val Costa
Pesquisador do IHBAJA e professor de História e Geografia

O centenário de nascimento do professor Milton Santos

"O que estamos vivendo hoje é que o homem deixou de ser o centro do mundo.
O centro do mundo agora é o dinheiro."
(Milton Santos)



Em 1926, nascia em Brotas de Macaúbas, no interior da Bahia, Milton de Almeida Santos, que se tornaria um ícone mundial da Geografia na segunda metade do século XX.

Alfabetizado pelos próprios pais, Milton já sabia falar francês e dominava a álgebra antes de entrar na escola. Em 1936, mudou-se para Salvador e ingressou no internato do Instituto Baiano de Ensino (IBE). Aos 15 anos, passou a lecionar Geografia de forma oficial no instituto. Aos 18 anos, ingressou no curso de Direito na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Após formar-se, trabalhou como jornalista no jornal A Tarde e lecionou Geografia em colégios secundários de Salvador. Em 1958, obteve o título de Doutor em Geografia pela Universidade de Estrasburgo (Université de Strasbourg), na França.

Milton Santos foi perseguido durante o início da ditadura militar e teve que se exilar no final de 1964. Ficou 13 anos vivendo no exterior. Durante esse tempo, lecionou em universidades de diversos países, incluindo a França (Toulouse e Sorbonne), o Canadá (Universidade de Toronto), os Estados Unidos (MIT), além de passagens pela Tanzânia, Venezuela, Peru e Nigéria.

Em 1977, retornou ao Brasil e passou a trabalhar como professor convidado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (de 1979 a 1983) e, posteriormente, como professor titular no Departamento de Geografia da USP, onde permaneceu até a sua morte, em 2001.

Milton Santos deixou uma importante contribuição na análise do Espaço Geográfico como produção coletiva, valorizando os saberes locais e pensando globalmente a partir do lugar. Seu legado aponta os caminhos para a construção de um "outro mundo possível", mais justo, igualitário e democrático.

Dentre as suas obras mais importantes, destacam-se: *Por uma Geografia Nova* (1978), *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988), *A Natureza do Espaço: Técnica, Tempo, Razão e Emoção* (1996) e *Por uma Outra Globalização* (2000).

Em 1994, foi agraciado com o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, conhecido como o "Prêmio Nobel da Geografia". Foi a sua maior honraria internacional, sendo o primeiro latino-americano e o único brasileiro a receber essa premiação.

Em dezembro de 2024, foi inaugurada dentro do espaço ocupado pela Areninha Cultural Jacob do Bandolim (Praça do Barro Vermelho, s/nº- Pechincha), a Biblioteca Municipal Milton Santos, que funciona de terça a sexta-feira, das 10h às 18h, e aos sábados, das 10h às 14h.

Iniciativa conjunta: *Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE), União da Geomorfologia Brasileira (UGB), Associação Brasileira de Climatologia (ABClima) e Associação Brasileira de Biogeografia (ABBIOGEO).*



História da Região

Leonardo Soares dos Santos
Professor de História da UFF e membro do IHBAJA

A Barra Preta da Tijuca

Um dos maiores símbolos da ocupação elitista que dominou o território da Barra da Tijuca é a memória que se produziu sobre a história de sua ocupação. Por essa memória, a localidade passou a existir quando os primeiros empreendimentos dedicados à ocupação da classe começaram a sair do papel, isso ali pelo final dos anos 60 e início dos 70.

Mas e as ocupações anteriores? E o povo humilde, pobre e preto que ali vivia? Seu registro não importa?

Tudo isso seria apagado dos registros históricos. Afinal, para esse tipo de visão, as classes populares não teriam e não fariam "história". Seriam sempre produtores de vazio e problema, quando não de caos.

Exemplo eloquente desse tipo de visão é o livro intitulado "Barra da Tijuca, o lugar", escrito por Ayrton Luiz Gonçalves em 1999. Afirma ele: "Por ser um bairro de implantação recente, a Barra da Tijuca é um local sem tradições. Quase todos os seus moradores são forasteiros, com menos de vinte anos de vivência no local" (p. 23).

Ou seja, a Barra só se torna Barra quando a classe média passa a ocupá-la. Está muito claro.

Prossegue ele: "Os pontos de referência no bairro da Barra da Tijuca são os grandes empreendimentos imobiliários e comerciais, os supermercados e *shopping centers* ou os balizamentos naturais a sudoeste, o Recreio dos Bandeirantes e, a nordeste, o Morro do Joá [...] Todas essas conquistas e desenvolvimento começam a cobrar seu preço. Como as moedas, elas têm duas faces: uma agradável e simpática, outra desagradável e difícil de aceitar, como, por exemplo, o crescimento das áreas faveladas em expansão em toda área" (p. 23).

Aqui o autor desenvolve outro ponto importante: a Barra precisou ser conquistada, como se estivesse há séculos adormecida, porém, símbolos de uma história indesejada teimavam em resistir: "Esse aumento do número de favelas até pode ser explicado, pois sua população precisa estar próxima aos locais onde haja oferta mais abundante de trabalho, inclusive para minimizar o gasto com o transporte. E também, por que não dizer com todas as letras, a Barra que atrai seus moradores e os de outros bairros da cidade os atrai da mesma forma" (p. 152).

No entender do autor, era preciso uma correção de rumo: "Urge que providências sejam adotadas. As favelas que puderem ser urbanizadas e dotadas dos equipamentos mínimos que garantam aos seus moradores viver com conforto e dignidade, que o sejam, mas, do outro lado, as que estão em áreas de preservação ambiental ou corram risco causados por intempéries devem ser removidas ou erradicadas, como foram, recentemente, as favelas da Via Parque e a do Condomínio Marapendi (p. 154).

O livro de A. L. Gonçalves seria uma espécie de alerta, ao mesmo tempo, cristalizava uma idéia sobre o bairro muito consolidada no imaginário da cidade: a Barra era para poucos. Nos próximos textos vamos acompanhar como tal ideia foi posta em prática pelos poderes públicos a serviço da elite local e como as classes populares resistiram, ou seja, teimaram em fazer história.


JORNAL ABAIXO ASSINADO JPA
Há 20anos, nós escrevemos sobre pessoas que defendem ativamente uma causa
Seja assinante do jornal das lutas comunitárias e da cultura popular
www.catarse.me/jaajrj
